

VERDADES POÉTICAS E IMAGINADAS EM *VERÃO*, DE J.M. COETZEE.

Laís Maria de Oliveira¹
Universidade Federal de São João del-Rei

Resumo

A obra *Verão*, do escritor sul-africano J.M. Coetzee, lançada em 2010, é a terceira da trilogia *Cenas da vida na província*, composta também por *Infância* e *Juventude*. Em *Verão* os relatos se concentram nos anos da volta de Coetzee para a África do Sul, de 1971 até 1977 e se desenvolvem em metanarrativas que abrangem temas locais e globais que vão desde a vida pessoal do escritor até a violência do *Apartheid* na África do Sul. Neste híbrido entre fatos e ficção, os limites entre o público e o privado e entre vida e obra surgem como questões importantes a serem pensadas no que se refere não só a construção da obra, mas também como caminhos a serem percorridos pela crítica biográfica atual. Esta obra estaria inscrita como autobiografia ou autoficção? Haveria fronteiras rígidas entre estes gêneros? É a partir destes questionamentos que se pretende abordar a obra de Coetzee, levando-se em conta o estilo único do escritor, numa narrativa que é uma mostra do trabalho de escrita em processo e que propõe a discussão de temas que vão do particular ao universal.

Palavras-chave

Coetzee - Verão – Autobiografia –Autoficção – Literatura.

Mas a primavera da poesia dele parece ter secado.
Trecho retirado de Fragmento sem data, escrito
pelo autor-personagem Coetzee.

Um homem solitário, melancólico e de poucas palavras. É assim que J.M. Coetzee nos é apresentado pelos personagens que mantiveram algum tipo de contato com ele e que foram escolhidos pelo biógrafo Vincent para a construção de um possível perfil do escritor. *Verão* é um misto de entrevistas com conhecidos de Coetzee e de fragmentos não datados escritos pelo próprio escritor. Aqui autor e personagem se imbricam, transformando a narrativa em uma espécie de metalinguagem às avessas. O autor fala sobre o personagem de si mesmo a partir de distintos personagens, inclusive a partir de Vincent, que afirma não ter conhecido o escritor pessoalmente. A vontade de Vincent de escrever uma biografia sobre Coetzee veio do interesse do biógrafo pelas obras do escritor, ele afirma ter lido todas. E quando aparecem os fragmentos do próprio escritor, observamos que ele as escreve também em 3ª pessoa. Interessante ainda as notas de rodapé que escreve, demonstrando traços de que sua escrita é inventiva, uma vez que anota possíveis mudanças a se fazer, temas a desenvolver etc.

Autobiografia ou *autoficção*? Se na definição de Lejeune (2005:71) a *autobiografia* é “a narrativa retrospectiva em prosa que alguém faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade”, a obra do escritor sul-africano parece ser uma mistura dos dois conceitos, pois contém a *verdade poética*, que segundo Silviano Santiago (2008) é o tema da experiência vivida metamorfoseada pela mentira que é a ficção. Parece que Coetzee autor e Coetzee personagem fazem uma sondagem crua da realidade e a transformam em uma ficção ainda mais crua. O estilo da escrita de Coetzee já mostrou antes, em livros como *Desonra*², como o autor consegue fazer uma trama

¹ Estudante de Pós-Graduação em Teoria Literária e Crítica da Cultura com ênfase em Literatura e Memória Cultural pela Universidade Federal de São João del-Rei.

² Publicado em 1999 e premiado com o Booker Prize no mesmo ano.

aparentemente fria e desconcertante, mostrando seres “sem dignidade”, pessoas avessas aos parâmetros esperados pela sociedade. Porém impressiona o fato de que por trás dessa escrita austera existe uma sensibilidade secreta, uma denúncia angustiada e penosa de dizer o que realmente é o humano, das fronteiras desse humano entre instinto e emoção.

Em *Verão* temos a mesma escrita desafiadora, no terceiro volume do que seria uma possível fase da vida de Coetzee. No primeiro volume, como o próprio título indica, *Infância*, há um pouco das histórias da família Coetzee e as impressões de Coetzee quando pequeno; No segundo volume, *Juventude*, o escritor discute sobre seus ideais românticos e a ânsia por experiências novas, na vida de um jovem dos anos 60, entre Londres e a África do Sul.

O terceiro volume poderia chamar-se vida adulta, maturidade ou qualquer vocábulo que indique uma possível terceira fase da vida humana, mas, no entanto, o escritor nomeou-o de Verão, a última estação do ano. O título confere um valor poético à narrativa, que também nos conta a paixão de Coetzee pela poesia, e suas tentativas de se tornar poeta. Porém, nas palavras do próprio personagem, o verão parece ter secado a primavera de suas poesias. O terceiro volume representaria então as frustrações de um escritor na maturidade? As poesias poderiam também ser lidas como as suas aspirações, sonhos e metas? Segundo Eneida Maria de Souza (2011:19):

No que diz respeito à abordagem mais pontual da crítica biográfica, é preciso distinguir e condensar os polos da arte e da vida, por meio do emprego do raciocínio substitutivo e metafórico, com vistas a não naturalizar e a reduzir os acontecimentos vivenciados pelo escritor.

É deste modo que se pretende abordar a obra de Coetzee, levando-se em conta suas possíveis metáforas e paráfrases do real, numa narrativa que mais que autoficção, é uma mostra do trabalho de escrita em processo, que propõe a discussão de temas que vão do particular ao universal, do local para o global.

Dos bastidores (*Cenas da Vida na Província*)

Durante toda a narrativa as pessoas com quem John esteve envolvido parecem contar sempre sobre aos desprazeres do escritor, tanto na vida pessoal quanto profissional. O próprio personagem, no 1º capítulo do livro, *Cadernos 1972-5*, escreve sobre sua insatisfação com a política da África do Sul e com o regime em vigor, o *apartheid*, um regime racista, que dividia o país em brancos e “não brancos”. No segundo capítulo *Julia* nos conta sobre a insistência de John em fazer ele próprio a reforma de casa, um trabalho comum a negros naquele país. O *apartheid* é um tema recorrente em toda narrativa, ainda que de forma sutil e indireta. Em todas as entrevistas realizadas e mesmo nos fragmentos encontramos algum tipo de referência a esse episódio que marcou para sempre a história da África do Sul. Talvez por trás dessa possível *autoficção* de um período específico de sua vida, o escritor tenha tentado criar mais do que uma narrativa, quem sabe um retrato construído por diversos personagens da crueldade e horror de uma política separatista. Adriana, a personagem brasileira do livro, também comenta o episódio:

Tinha um banco que era o meu favorito, debaixo de uma árvore, num canto isolado. Um dia cheguei no banco e encontrei uma mulher sentada nele com um bebê ao lado. Na maioria dos lugares – em jardins públicos, plataformas de estação e tudo –, os bancos estavam sempre marcados *Branco* e *Não Branco*; mas aquele ali não estava. Eu disse para a mulher: *Que bebê bonito*, alguma coisa assim, querendo ser simpática. Ela fez uma cara de medo. *Dankie, mies*, ela sussurrou, que queria dizer *Obrigado, senhorita*, pegou o bebê e foi embora. (Coetzee, 2010: 189).

Assim, além de uma bem construída biografia ficcional de si através do outro ou de outros, temos também o escritor engajado, que brincando com as palavras e alternância entre o

eu e o *ele*, também fala de coisas sérias de sua terra nativa. A personagem *Margot*, suposta prima de John, conta do interesse do escritor pelas línguas mortas de origem africânder e de como o escritor gosta de fazer ele mesmo os consertos em casa, afirmando estar tentando quebrar o tabu do trabalho braçal. *Margot* parece ver algo de bom no primo, algo de autêntico, diferente do resto da família *Coetzee*, que segundo ela o considera um fugitivo fracassado, por ter sido expulso dos Estados Unidos, e um filho fracassado, por causa de sua difícil relação com o pai. Outra temática é a diáspora, abordada de forma negativa no romance. As personagens em torno de *Coetzee* parecem não entender a vontade dele de viver fora da África do Sul e mais tarde, sua repentina vontade de comprar uma casa em *Merweville*, para passar os finais de ano com seu pai. Pode acontecer que o escritor esteja recriando aqui a temática do sujeito sem lugar, fragmentado e ao mesmo tempo necessitado de uma origem, de um vínculo com seu passado.

Coetzee personagem parece, pelas mãos de *Coetzee* autor, um sujeito em eterno conflito entre suas origens e a vontade de escolha de uma naturalidade diferente. Nascido na África do Sul, John não parece sentir-se a vontade neste país, como se fosse um forasteiro, um hóspede, posição que ele não sente vergonha de revelar ao amigo *Martin*. Parece que a paixão pela poesia é motivo de ridicularização no país Africano, segundo sua prima *Margot*, que afirma que essa atividade não é vista como varonil, mas território para crianças, solteironas e homossexuais, numa visão preconceituosa e talvez motivadora da insatisfação de John. Quando John partiu para a Inglaterra e mais tarde para os Estados Unidos, a família *Coetzee* passou a achar que ele havia renegado seu país, sua família e seus próprios pais. E quando John foi expulso dos EUA por ser pego participando de uma manifestação de rua, aí as críticas veladas por parte de sua família aumentaram. John parece não se encaixar à terra nativa, porém sabe de sua ligação eterna com ela, seja por suas memórias de infância ou mesmo pela tradição em torno da família *Coetzee*.

Das técnicas

Há uma metanarrativa na obra. O biógrafo *Vincent* interfere na narrativa da narrativa, ou seja, nas entrevistas que juntas formam a possível biografia do escritor. Ele afirma, na conversa inicial com *Margot*, que cortou palavras, inventou outras e fez da entrevista uma narrativa ininterrupta, sem suas interferências e perguntas. Também confessa à *Julia* que nunca procurou *Coetzee* nem se correspondeu com ele porque achava que seria melhor não ter nenhum compromisso com o escritor, pois assim teria mais liberdade para escrever o que quisesse. *Julia*, uma das entrevistadas, também afirma estar inventando um diálogo enquanto fala, pois como se trata de um escritor, ela supõe que isso deve ser permitido. Nosso autor de papel se escreve e se lê, uma vez que aponta traços do personagem dele que vão aparecendo durante o texto: “Traços do personagem dele que emergem da história: (a) integridade (ele se recusa a ler o testamento do jeito que ela quer que leia); (b) ingenuidade (ele perde a chance de ganhar algum dinheiro)”. (*Coetzee*, 2010: 17) Assim o autor-personagem vai dando indícios ao leitor do cuidado na leitura do seu texto, da observação cautelosa que se deve ter para não aceitar passivamente tudo o que a narrativa nos oferece. Uma narrativa engenhosa, que exige que o leitor desconfie dos narradores, que são muitos: O autor *Coetzee*, o personagem *Coetzee*, os entrevistados, que também criam e recriam e o biógrafo, que modifica as entrevistas. Quem garante que ele também não modificou os fragmentos?

Percebe-se que é a partir da recordação que vai surgindo a invenção. Os entrevistados, ao rememorar suas passagens com John, vão dando à sua narrativa o tom que julgam ser o mais apropriado, pois certamente a futura publicação de suas histórias em um livro sobre um escritor famoso conta na montagem do relato. Afinal ao falar de sua relação com *Coetzee*, os personagens são intimados a falar de si e também de outros, que de alguma maneira estavam ligados àquela situação. Segundo *Wander Melo Miranda* (2010: 30):

Apesar do aval de sinceridade, o conteúdo da narração autobiográfica perde-se na ficção, sem que nenhuma marca decisiva revele, de modo absoluto, essa passagem, porquanto a qualidade original do estilo, ao privilegiar o ato de escrever, parece favorecer mais o caráter arbitrário da narração que a fidelidade estrita à reminiscência ou o caráter documental do narrado.

É assim que o autor de *Verão* tenta persuadir o leitor, através do caráter aparentemente documental de sua obra, que conta com entrevistas de pessoas próximas a ele, acrescido da originalidade do estilo de uma escrita fragmentada. Isso parece fazer com que, num primeiro momento, o leitor tenha uma narrativa fiel à realidade, mas à medida que ele adentra no texto e em suas pistas, perde-se nessa arbitrariedade da narração. Como quando Julia conta que John lhe deu de presente um livro escrito por ele chamado *Dusklands* (ganhador do prêmio Nobel) e perguntou a ele se era uma ficção e ele respondeu “Mais ou menos”. E quando eles se encontram de novo e ela afirma que leu no prefácio que seu pai era historiador e ele respondeu “Está falando do Prefácio? Ah, aquilo é tudo inventado”. Coetzee autor e Coetzee personagem parecem apreciar mesmo a verdade poética por traz de suas escritas. E Coetzee personagem leva esta verdade muito a sério, quando resolve aplicá-la a própria vida e ao estilo da escrita, como afirma a personagem Julia:

“O senhor deve lembrar quanta matança há em *Dusklands* – matança não só de seres humanos, mas de animais. Bom, mais ou menos na época em que o livro saiu, John me revelou que ia virar vegetariano. Não sei por quanto tempo ele persistiu nisso, mas eu interpretei essa mudança como parte de um projeto maior de reforma pessoal. Ele tinha decidido que ia impedir impulsos violentos e cruéis em todos os campos da vida – inclusive sua vida amorosa, pode-se dizer – e direcionar tudo para a escrita, que conseqüentemente iria se transformar em uma espécie de exercício catártico sem fim.” (op.cit.: 65).

Percebemos que o autor faz com que a *persona* que criou de si no romance também marque seu estilo de escrita, seja através do relato a pessoas próximas ou mesmo nos fragmentos publicados pelo biógrafo. A narrativa vai se tornando densa, tanto no que diz respeito às várias vozes envolvidas no texto, quanto à verossimilhança das histórias narradas.

Das Mulheres

Todas as pessoas entrevistadas por Vincent são mulheres, exceto Martin, amigo de John. Por que a preferência do gênero feminino na escolha dos entrevistados? Uma das hipóteses é que John se sentia mais confortável para se abrir com mulheres, já que era com elas que se relacionava mais intimamente. Outra opção é a semelhança que Vincent encontra entre as personagens criadas por John em suas obras e as mulheres com quem ele esteve.

Todas tinham em comum a sensação de que Coetzee era um homem *célibataire*, não adequado ao casamento e à paternidade. Elas dizem que ele tinha ideias sobre romantismo, sensualidade e liberdade, mas que isso não parecia natural, apenas fruto de pensamentos dele. Também diziam que ele tinha certo talento com as palavras, mas que não o consideravam um grande escritor, apesar de ter ganhado o prêmio Nobel. Seu comportamento era considerado extravagante, excêntrico, evasivo. Adriana, em determinado momento da entrevista o compara a um cachorro, diz que ele não é humano, que sua alma parecia estar fora do corpo: “ele não conseguia dançar para salvar a própria vida” (op.cit.:206). O próprio personagem Coetzee anota numa das páginas de rodapé a necessidade de desenvolver o tema “a reação das mulheres na vida dele (perplexidade)” (op.cit.:261) Temos novamente numa obra de Coetzee o questionamento do que é o humano, onde estão as fronteiras desse humano e como se dirige o olhar do outro sobre nós. As temáticas do escritor se tornam presentes mesmo que indiretamente

durante toda a narrativa, evidenciando o caráter verossímil do seu trabalho literário e as tónicas de um dos grandes críticos da atualidade.

Todas as quatro mulheres entrevistadas, apesar de sua descrição um tanto fria e desagradável de Coetzee nutriram algum sentimento por ele. Adriana afirma não ter sentido nada por ele além de raiva e desprezo, embora tenha se lembrado com rigor de suas estadas com o escritor. Julia e Sophie afirmam terem mantido um relacionamento íntimo com o escritor e Margot, apesar de não ter chegado a revelar isso, demonstra sutilmente ao decorrer da entrevista, um enorme afeto nutrido pelo primo.

Martin questiona o biógrafo sobre sua preferência por mulheres na construção do perfil biográfico do escritor, perguntando se essas pessoas não tinham ambições de pronunciar um juízo final de Coetzee. Seguindo ele, isso poderia tender para o íntimo, as custas do real valor do sujeito enquanto escritor. Ele afirma que não está na natureza dos casos amorosos os amantes verem um ao outro com clareza e integridade. Vincent não responde aos questionamentos do professor, pois talvez fosse mesmo este seu desejo – mostrar o lado até então oculto e íntimo de J.M. Coetzee. Para Melo Miranda (op.cit.: 30):

(...) a autobiografia tende a assimilar técnicas e procedimentos estilísticos próprios da ficção. Isso evidencia o paradoxo da autobiografia literária, a qual pretende ser simultaneamente um discurso verídico e uma forma de arte, situando-se no centro da tensão entre transparência referencial e a pesquisa estética e estabelecendo uma gradação entre textos que vão da insipidez do curriculum vitae à complexa elaboração formal da pura poesia.

Se Vincent pretendia evidenciar a vida de Coetzee através de intrigas e casos amorosos, conseguiu mais do que isso: conseguiu fazer de uma vida comum um texto repleto de mistérios, que ao invés de fazer com que o leitor acredite nos entrevistados, faz com que ele duvide das histórias contadas por eles. E por traz de Vincent temos o escritor Coetzee que assina seu nome na capa do livro, fazendo de sua biografia um intertexto de sua própria escrita criativa. *Verão* parece ser ao mesmo tempo a biografia de um escritor, uma autobiografia poética e uma verdade falseada. Vincent, personagem criado por Coetzee, não deseja criar uma biografia a partir de uma autoprojeção unitária, mas antes de um conjunto de relatos de perspectivas independentes. Então vários personagens são entrevistados, mas por trás deles encontra-se novamente o escritor, numa trama que põe em xeque obra e vida, público e privado, e mais ainda escritor x autor x personagem ou ainda um hibridismo entre as três esferas. De tudo o que foi dito

Como na obra o personagem Coetzee está morto e é a partir do outro que a narrativa é construída, podemos pensar *Verão* também como resíduos de uma vida sendo utilizados como material literário. O ato de apagamento do próprio ser físico, e da sua voz, é uma estratégia textual que desloca a narrativa para uma lacuna que só pode ser preenchida através de outras vozes. A metalinguagem permite aos narradores criar um perfil biográfico de Coetzee, tornando ainda mais complexa a relação entre vida e obra. A voz do personagem se desdobra, entretanto, de modo indireto no ato de criação literária do escritor Coetzee através dos depoimentos e do biógrafo. Os laços ficcionais entre vida e obra são construídos para servir de repertório e possibilidade, ou seja, de matéria literária. Dessa forma, partimos para uma crítica literária pautada na elaboração de metáforas para criar sentidos, metáforas que complementem ou suplementem o conteúdo da obra. Sophie, a professora francesa, na entrevista com o biógrafo afirma que John “acreditava que nossas histórias de vida são nossas para construir como quisermos, dentro ou mesmo contra os limites impostos pelo mundo real” (Coetzee, op.cit.: 235). Esta afirmação talvez seja o mote de *Verão* e parece definir bem o estilo adotado pelo escritor. Coetzee fez de sua vida um texto poético, um texto construído através de diversas vozes, que ora se encontravam ora se estranhavam, tornando-se a narrativa um híbrido entre referencial e estética, experiência vivida e experimento da escrita.

No relato que o personagem Coetzee escreve sobre seu encontro com Martin, ele revela não se considerar apto para a profissão de professor, diz faltar-lhe o temperamento e o empenho. Sophie também afirmara que ele não era político, nem mesmo gostava de escritores políticos e que dizia que lutar só prolonga o ciclo de agressão e retaliação. Ela também confessara que no âmbito público todos o viam como um intelectual frio e arrogante, e que ele chegava a estimular isso. Dissera ainda que seu estilo literário era desprovido de paixão. É interessante como o escritor, através de si e dos demais personagens, vai construindo uma imagem própria difusa, que mostra uma personalidade moldada pelo olhar do outro e pela própria escrita inventiva. E através de uma atitude aparentemente apolítica, o escritor nos revela uma obra, que a princípio fria e arrogante, contém opiniões e (auto) críticas severas sobre a natureza do ser humano, suas fraquezas e incertezas e sobre sua representação a partir do(s) outro(s).

Bibliografia

- COETZEE, J.M. (2010). *Verão: cenas da vida na província*. Tradução de José Rubens Siqueira. – São Paulo: Companhia das Letras.
- LEJEUNE, Philippe. (2008). O pacto autobiográfico 25 anos depois. In: *O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet*. Tradução e organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG: 70-85.
- MIRANDA, Wander Melo. (2009). A ilusão autobiográfica. In: *Corpos Escritos*. 2ªed. São Paulo: Edusp: 25- 41.
- SILVIANO, Santiago. (2008). “Meditação sobre o ofício de criar”. *Revista Aletria*. Belo Horizonte n.18, jul/dez.: 173-178.
- SOUZA, Eneida Maria de. (2011). A Crítica Biográfica. In: *Janelas Indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. – Belo Horizonte: Editora UFMG.